

Culturas locais

*Elvio José Reis do Nascimento
Leila Santos de Santana
Livia Gomes Chaves Pires
Natan Perrout da Silva*

*"[...] Periferias, vielas, cortiços
Você deve tá pensando: O que você tem a ver com isso? [...]"*

*Histórias, registros e escritos
Não é conto, nem fábula, lenda ou mito
Não foi sempre dito que preto não tem vez?*

*[...] Eu prefiro contar uma história real
Vou contar a minha [...]"*

*Problema com escola, eu tenho mil, mil fita
[...] Ginga e fala gíria; gíria não, dialeto"*

Negro Drama¹, de Racionais MC's

Diversidade em potências emancipatórias da periferia

Na perspectiva de praticantes culturais, observamos a transposição cotidiana dos usos de artefatos culturais, subvertendo-os e recriando-os de acordo com as necessidades práticas que surgem, assim, esses novos fazeres, segundo Certeau (1994), são conhecimentos produzidos, e uma arte de fazer, assumindo, portanto, potências nos múltiplos espaços urbanos.



A consciência de que a sociedade é composta por uma pluralidade cultural², de vários saberes que emergem ou não, nas distintas situações que vivenciamos, associada à nossa sensibilidade e implicação, leva-nos a

¹ Vídeo "Negro Drama", na Quinta da Boa Vista, Rio de Janeiro, 2012. Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=dGjcBzD7z9Q>. Acesso em: 28 de out. 2020

olhar para a contemporaneidade à luz das demandas e das culturas que emergem nos/dos cotidianos.

E quais são estas culturas? São as de múltiplos atores sociais como os das periferias do Rio de Janeiro, os quais se compuseram como grupos heterogêneos com, predominantemente, imigrantes nordestinos, descendentes indígenas e pessoas negras.

Reconhecer a pluralidade cultural abre os horizontes para que manifestações de preconceito sejam minimizadas. Vivemos num mundo intercultural no qual “[...] admite-se a diversidade de culturas, sublinhando suas diferenças e propondo políticas relativistas de respeito, que reforçam as segregações” (GARCIA CANCLINI, 2009, p.17).

Tomar favelas, periferias, sob certa ótica das ciências sociais, seria um grande equívoco, quando postas como uma espécie de anomalia e lugares de falta, visto que nessa perspectiva são consideradas construções fora dos modelos capitalistas do Estado, além de serem pouco reconhecidas como espaços potenciais de emancipação, de trocas e produções de culturas (ZIBECHI, 2015).

Muitas escolas ainda se encontram atravessadas por questões como pela baixa infraestrutura social de saneamento, habitação, segurança pública, desemprego e fome dos sujeitos, o que não anula as potências e diversidades deles. São diversas as existências, e, ainda, únicas as experiências e subjetividades dos sujeitos.

Uma proposta curricular comum para a educação formal parece impor uma anulação de algumas realidades. O comum é aquilo que encerra a produção da diferença. E como seria possível contemplar a todos sem incluir as diferenças no nosso amplo contexto socioeconômico e cultural? Somos uma população plural. Ao invés de uma estratégia que desconsidera os diversos contextos, estados e municípios deveriam ter propostas curriculares próprias. E nelas, agregar especificidades das culturas locais.

² Fonte da Imagem do canto superior direito: <<https://www.gratispng.com/png-cql86c/>> Acessado em 28 de out. 2020

A cultura não é algo monolítico, ou que se encontra em estagnação. A cultura está em circularidade (Ginzburg, 2006), isto é, move-se continuamente pelos lugares e pelos grupos sociais, evidenciando espalhamento, abarca um conjunto de culturas e se apresenta em distintos povos do planeta, denotando também diversidade e pluralismo.

Nesse processo perpassa a valorização das diferentes culturas locais, de ações insurgentes contrárias ao pensamento hegemônico que oprime, silencia, segrega e impõe pressão para ser contada uma história única, negando a representatividade de certas identidades e contrariando a igualdade de direitos.

Sobre os autores:

Elvio José Reis do Nascimento é mestrando em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas no Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas da UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro). Membro do Grupo de Pesquisa EduCiber e professor do Estado na Rede FAETEC. E-mail: elvionascimento@hotmail.com

Leila Santos de Santana é Mestre em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas no Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas da UERJ. Membro do Grupo de Pesquisa EduCiber e professora da Prefeitura Municipal de Duque de Caxias. E-mail: leilasantana.edu@gmail.com

Livia Gomes Chaves Pires é jornalista (UNESA - Universidade Estácio de Sá/RJ) e graduanda em Educação na UERJ. E-mail: liviajor@gmail.com

Natan Perrout da Silva é graduando em Educação na UERJ. E-mail: natanperrout9@gmail.com

Referências:

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. 19.ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

GARCIA CANCLINI, Néstor. **Diferentes, desiguais e desconectados**: mapas da interculturalidade. 2.ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

ZIBECKI, Raul. Periferias urbanas: contrapoderes dos de baixo? *In*: ZIBECKI, Raul. **Territórios em resistência**. Cartografia política das periferias latino-americanas. São Paulo: Consequência, 2015. p.17-97.